

**O Mesmo e o Outro**  
**O Jogo das Alteridades em João Guimarães Rosa:**  
***A Estória do Homem do Pinguelo***

*„as coisas nem acontecem com regra de separação,  
mas quase só como se inventando de ser“ (p. 99)*

*„A gente se encontrando com o desencontro“ (p. 121)*

Sophie Schäfer (*Estudante de Latinoamericanística e Ciências da Educação*)  
Outubro 2008

---

João Guimarães Rosa, o grande mestre da literatura brasileira e internacional, oferece na sua obra amplo espaço para descobrir e refletir as questões fundamentais da condição humana. Inúmeras perguntas filosóficas estão colocadas por seus protagonistas e heróis e jamais são respondidas com certeza absoluta. Assim aparecem, tanto nas estórias quanto na obra-prima, o romance *„Grande Sertão: Veredas“*, as mais variadas misturas. Guimarães Rosa realiza a mistura como princípio criador em todos os níveis de sua literatura. Ele mistura as formas narrativas tradicionais e modernas, se liberta de construções fixas de tempo e espaço e desenvolve uma linguagem genuína, que incorpora os mais diversos elementos lingüísticos, dialetos regionais e tradições culturais e assim forma a mistura mais impressionante e impactante na sua obra. As reflexões dos heróis de Guimarães Rosa também são ambíguas e suas afirmações muitas vezes incluem a própria negação do dito sem produzir uma contradição. Através da desconstrução de estruturas dicotômicas do pensamento, como feminino/masculino, Deus/Diabo, Bom/Mal, Urbano/Rural ou Tradição/Moderno, Guimarães Rosa desafia tabus profundos da sociedade e questiona fundamentalmente o pensamento habitual que consiste em dicotomias hierárquicas. Na instalação (ou no destapamento) de ambigüidades e na mostra da presença constante da alteridade, Guimarães Rosa abala na racionalidade ocidental-moderno e abre liberdades novas para o *ratio* e *emotio*, a mente e a alma, do homem.

Através da onipresença das ambigüidades no pensamento e na criação de Guimarães Rosa a questão da relação entre o mesmo e o outro já está colocada implicitamente. Como ambigüidade

designa a possibilidade de vários significados, o mesmo (próprio, indivíduo, verdade, linguagem, forma, etc.) nunca é só um e o mesmo, mas sempre carrega algo do outro (seu oposto, suas alternativas) em si.

Em seguida analisar-se-á como Guimarães Rosa estabelece alteridades no nível metafísico, estrutural, social e lingüístico da sua obra. Além da onipresença de várias formas de mistura, que sempre implicam o Outro (nos diversos níveis), os Outros também estão diretamente tematizados. A maioria dos protagonistas rosianos são figuras marginais da sociedade, sejam eles os loucos, estrangeiros, crianças, mulheres ou o sertanejo iletrado e arcaico. Para Guimarães Rosa essas figuras funcionam como fonte de sabedoria, porque não estão submetidas a estruturas mentais dominantes e assim desfrutam de mais liberdade mental e pode-se dizer que assim têm um acesso mais direto à verdade. O homem da cidade, moderno e letrado, que em Guimarães Rosa entra em contato com essas figuras marginais precisa livrar-se da sua presunção e abrir-se à alteridade para chegar a alguma verdade.

O conto *A Estória do Homem do Pinguelo* combina a reflexão sobre o Mesmo e o Outro em vários níveis narrativos e lingüísticos e descobre possibilidades palpantes da mistura. É um exemplo maravilhoso para a instalação e o funcionamento da alteridade na obra de Guimarães Rosa. Para entender a estrutura psíquica fundamental, no qual o Mesmo não pode ser construído sem o Outro, será dada uma breve explicação dos conceitos psicanalíticos de Sigmund Freud e Jaques Lacan.

### **O Outro no Mesmo – A introdução do Inconsciente pela psicanálise**

Com a introdução do Inconsciente por Sigmund Freud (1856 – 1939) a alteridade, o outro, entrou no último refúgio autônomo do homem – a mente. Freud descreve o outro como parte integrante do mesmo, o inconsciente é conceituado como componente incontrolável e estranho do sujeito. Assim o sujeito de Freud difere não só de outros sujeitos, mas também de si mesmo. A idéia de uma identidade natural, que seja uma unidade fechada em si, foi abandonada por Freud e seus seguidores.

Jacques-Marie Émile Lacan (1901 – 1981), um psicanalista francês, evoluiu pressupostos freudianos sobre a psique humana e possibilita a continuação do questionamento de conceitos-chaves da cultura ocidental como identidade, subjetividade, individualidade que foram iniciados pelos trabalhos de Freud. Lacan adiciona o elemento de estruturas lingüísticas, que na concepção dele são ligados diretamente a processos psíquicos. Seguindo Freud ele nega a identidade reflexiva

do sujeito auto-consciente cartesiano.

A base do pensamento de Lacan é a divisão do sujeito que começa a se manifestar no estado do espelho<sup>1</sup>, no qual a criança é confrontada pela primeira vez com seu outro (sua reflexão) que também é seu mesmo e parecido. Assim a identidade é o resultado do reconhecimento de si mesmo no outro e da identificação com esse próprio outro. Abandonando a idéia de uma identidade reflexiva natural o conceito de Lacan instala o pressuposto que a identidade e o mesmo dependem do lugar do outro (por exemplo espelho) que pode ser interno e externo. Com Lacan o Outro é o lugar em que o Eu, que fala, se constitui. Na visão de Lacan a totalidade e síntese do sujeito não é possível, porque o outro é parte constitutiva da identidade.

A importância do outro como parte constitutiva do mesmo é especialmente interessante quando pensamos nas possibilidades de processos de intercâmbio cultural. O contato de culturas distintas nos conceitos de identidade e culturas fechadas até então foi pensado precipitadamente como situação de conflito. Com Lacan o outro pára de funcionar simplesmente como meio de distinção e ganha valor como parte integrante do mesmo. A possibilidade e necessidade de um enfrentamento diferente do outro carrega em si a valorização do outro que precisa ser assimilado. A abertura a alteridade possibilita novos acessos a nós mesmos. Isso traz potencial rico para auto-imagens coletivas (nacionais ou culturais) que no contato com o outro podem chegar mais perto de si mesmo. O resultado podem ser misturas infinitas.

Vamos ver como Guimarães Rosa instala o transbordamento de limites do mesmo e o reconhecimento e a integração do outro no mesmo nos diversos níveis da *Estória do Homem do Pinguelo*.

### **O jogo das alteridades em *A Estória do Homem do Pinguelo***

A *Estória do Homem do Pinguelo*<sup>2</sup> consiste de dois encontros decisivos nos quais a abertura à alteridade muda o destino dos participantes. Dois narradores de origem cultural distinto se completam recíprocamente na narração de uma anedota que ocorre no Sertão e na qual dois sertanejos participam de uma troca de vida.

---

1 „Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je“ (1936)

2 „A Estória do Homem do Pinguelo“ foi publicada pela primeira vez em 1962 na revista *Senhor* e postúmo foi incorporado em „*Estas Estórias*“ (1969).

### *A „estória dentro da estória“ (Calobrezi, S. 151)<sup>3</sup>*

Um dos dois narradores, José Reles, narra, aliado ao segundo narrador, um homem urbano anônimo, a *Estória do Homem do Pinguelo*, que é uma estória do encontro decisivo do destino de dois sertanejos. Os protagonistas da narrativa são dois homens descontentes com a vida, um comerciante sedentário o outro um vaqueiro nômade, ambos chegando no fim dos caminhos da vida que levaram até então, que no encontro com o seu outro reconhecem a oportunidade única de um recomeço mais feliz, que vai ser realizado apesar das normas da conformidade. A partir desse momento vivem uma vida feliz e de sucesso conforme acontece em contos de fadas. José Reles, o primeiro narrador, conviveu com os acontecimentos e acredita, como muitos sertanejos, no enredo de uma figura mítica, que é o Homem do Pinguelo. A anedota sobre os acontecimentos em relação à figura mítica do Homem do Pinguelo deve ser considerada uma „estória dentro da estória“ porque pela narração dos dois narradores contrários realiza-se um argumento num segundo nível. Assim *A Estória do Homem do Pinguelo* é tanto uma estória de dois narradores quanto uma estória sobre os caminhos possíveis do destino de dois sertanejos.

#### *A alteridade recíproca dos protagonistas*

O protagonista sedentário, o comerciante Seo Cesarino, herdou a loja de seu pai e desde a sua morte continuou, com indolência, com os negócios. José Reles é amigo próximo de Seo Cesarino e o descreve como homem aberto, agitado („nunca se viu outro para andar com vontade de passo tão largo“, HP, p. 102) e determinado („Homem ardente.“, idem). Seo Cesarino é um homem popular por sua solícitude („ê ele era mais de vir do que de se chamar“, idem.; „Mesmo pensava junto, com qualquer um, para ajudar a resolver os casos dêsse outro“, HP, S. 103), sua atitude transigente para com os seus devedores („...seo Cesarino sendo de todos estimado [...]. Porque mal cobrava o que deviam a êle...“, HP, p. 103) e o gosto pelas festas („seo Cesarino não errava ocasião de festas, nem o de divertir“, idem). Sua inconsideração em relação aos negócios de dinheiro („gastava meio para lá do convinável“, idem), à administração e sua falta de noção empreendedora („não fazia muito negócio“, idem) contribuíram para uma decadência rápida do comércio bem sucedido nas mãos do pai („...a venda de seo Cesarino não chegava mais nem aos pés do que tinha sido [...] quando o Pai dêle inteiro vivia.“, HP, p. 104). Os habitantes da pequena aldeia (*arraial, povoado*<sup>4</sup>) vinham para o comércio de Seo Cesarino só para se distrair do dia dia, bater um papo e depois comprar o

---

3 Calobrezi refere-se aqui no conceito interpretativo da 'coisa dentro da coisa' que foi introduzido por Walnice Nogueira Galvão em *As Formas do Falso* (1986).

4 A nomeação do lugar depende da perspectiva do narrador e vai desenvolver um significado mais profundo no final da narração.

necessário nas outras lojas da aldeia. Apesar da sua falta de dedicação aos negócios Seo Cesarino sente um compromisso para com a herança do pai. Porém esse sentimento não vai além de uma lamentação tardia de não ter cumprido os deveres da herança (*„E meu Pai, que queria que eu tomasse boa condição da venda, a modo de ainda deixar tudo melhorado, para os saudosos netos dêle e os meus!“*, HP, p. 107).

O narrador José Reles encontra o segundo protagonista da anedota narrada, o vaqueiro Mourão, na passagem de um ribeiro secado, na hora da chegada desse com sua boiada decaída naquele ribeiro. Mourão é um homem redondinho e moroso. E apesar da condição pobre de sua boiada ele tem um sossego e uma despreocupação incompreensível para José Reles (*„o sossêgo dêle, mesmo, por demais, pasmava a gente, mentindo ali o remexer das lástimas“*, HP, p. 112). Mourão é tão parado que José Reles chega a pensar *„que êle fôsse mesmo doente, com algum resguardado, resumo de paralisias“* (HP, p. 114). Mourão não mostra nenhuma ligação emocional com seus animais, como podia se esperar de um vaqueiro, que depende do bem-estar dos animais. Com certa resignação ele só vê o dinheiro sumindo com a morte de cada vaca<sup>5</sup>. Atipicamente de um vaqueiro, Mourão é mais ocupado com a administração da sua propriedade e menos com a condição péssima dos próprios animais (*„Daí, sacou de algibeira lápis e caderneta. [...] De quantos bois se estavam findando ou por findar, êle regesse as contas.“*, HP, p. 112). Mourão aparece como estrangeiro desconhecido no arraial, mas José Reles rapidamente sente simpatia e fascinação consternada pelo vaqueiro excepcional.

Os dois protagonistas estão descritos como *„duplos invertidos“* (Calobrezi, p. 145). Um encorpa a alteridade radical do outro. Enquanto Seo Cesarino é um homem agitado, vital, falante e desassossegado, Mourão é caracterizado pela indolência corporal, pela razão, pelo jeito calado e paciente. Seu caráter oposto, que constitui-se na *„oscilação entre permanência e mudança“* (Calobrezi, p. 168) se manifesta na aparência física, nos nomes e gostos dos personagens. Mourão é redondo e *„da cara de lua“* (HP, p. 112) e Seo Cesarino é caracterizado pela *„comprida cara“* (HP, p. 117). O nome de 'Cesarino' implica tanto cesura quanto indica à Julius Caesar e sua ousadia (veja Calobrezi, p. 168). 'Mourão' pode ser a designação para um esteio ou tronco grosso e forte, para amarrar o gado ou sustentar arames de cercas (veja por exemplo no Larousse Dicionário da Língua Portuguesa). Assim o nome do vaqueiro infeliz indica algo fixado, ancorado. Quando sabemos que Seo Cesarino gosta da aventura da caça e Mourão relaxa pescando, fica claro que além da insatisfação com a vida oposta ao caráter não existe nada que una os dois protagonistas.

---

5 Em oposto vemos Seo Cesarino lamentando com tristeza a perda de seu cavalo (veja HP, p. 106s.).

## *O ponto de partida*

O encontro decisivo, a participação mítica do *Homem do Pinguelo* e as mudanças fundamentais que resultam disso, são anunciados por vários fatores externos que formam um novo ponto de partida. O inverno daquele ano era especialmente forte („*naquele ano, tinham sucedido as invernadas muito brabas*“, HP, S. 104) e caía tanta chuva, que uma inundação arruinou completamente a loja já decaída de Seo Cesarino. Uma vida determinada pelas expectativas sociais e familiares naufragou no pleno sentido metafórico. A ruína deixa Seo Cesarino com certa melancolia e sentimentos de culpa. Em relação à si mesmo, sua identidade e sua vida ele sofre de desesperança e perda de orientação: „*Ao que não tem mais arrumo. Se me, se mim, que me importa? Para não nascer, já é tarde; para morrer, inda é cedo.*“ (HP, p. 108, destaque meu). Com o fracasso da vida, determinada por outros, Seo Cesarino se perde. Ele se reclue em si mesmo, oposto a sua natureza comunicativa ele fica cismando e „*ia se ajudando a ficar velho, sofria o sem-conformidade*“ (HP, p. 109s.). A *sem-conformidade* de Seo Cesarino é uma profunda confusão da sua identidade. Sua vida estava delineada pelo *outro*, o pai e as expectativas dele e as pessoas ao redor. As expectativas podem ser vistas, analogamente ao conceito de espelho de Lacan, como constitutivo para a construção da identidade de Seo Cesarino. Esse *outro* (as expectativas alheias) era parte da sua identidade e com a realização do próprio fracasso e a ausência de concordância entre o mesmo e o outro deixa vasclar o mundo de Seo Cesarino. Ele sofre porque realiza que não está conforme com seu outro. Com a perda do outro (que lhe aprisionou) ele não ganha liberdade, mas perde a sua unidade interna. Para se sentir um inteiro ele vai precisar substituir aquele outro com um outro que ele consegue assimilar. Na preocupação de José Reles com o amigo („*Êle já estava imediatamente nunca?*“ HP, p. 108) ele aproxima o estado de Seo Cesarino a uma ameaça de morte próxima.

A vida de Mourão também chegou no ponto mais baixo. Em oposição ao Seo Cesarino, que sofreu inundação, o gado de Mourão passa pela seca e acaba morrendo. A impressão de José Reles, na hora em que a boiada entra no arraial era tão miserável que „*(a)trás da comitiva, a gente esperasse de ver aparecer a Morte sensata, amontada em seu cavalo, dela, alvo, em preparo, gadanhando.*“ (HP, p. 110). Mourão não se cansa de manifestar que está cansado de viajar e só procura sossego (veja HP, p. 111).

Na interpretação de Calobrezi essa situação de ameaça existencial, a chegada do ponto mais baixo, pode ser visto como uma morte metafórica, que prepara para o encontro das alteridades e possibilitará a troca de vida dos protagonistas (veja Calobrezi, p. 173). É nesse ponto de partida que aparece pela primeira vez o *Homem do Pinguelo*, só percebido pelo narrador José Reles. Tanto na

crença popular do Sertão quanto na narração de José Reles o Homem do Pinguelo parece ser uma entidade mística que anuncia mudanças decisivas de destino.

O fim (ou a morte) da vida anterior deixa os dois protagonistas num certo estado pendente entre o passado e o futuro. A descrição da vida nas condições da seca evoca a imagem de um moratório, uma pausa fora do tempo e ao mesmo tempo pesado em todo momento: „*A monotonia, ali, é que era aumentante. Só o tempo, temporoso. [...] os galos, de dia, cantavam, a todo pesado momento.*“, HP, p. 108). A tranqüilidade, a pausa, o nada criam o ponto de partida para a experiência decisiva.

No texto achamos muitas palavras chaves que indicam a transição. Como um exemplo<sup>6</sup> de vários serve a palavra „*entrementes*“ (HP, p. 115). O significado pleno é 'entretanto', mas essa palavra também pode referir à um lugar 'entre as mentes'. Podemos pensar esse espaço como um intermédio, em que os dois partidos podem se encontrar fora de si, para depois, enriquecido pelo contato com o outro, voltar a si mesmo.

### *A troca de vidas*

Através da mediação de José Reles os dois protagonistas desiguais se encontram pela primeira vez. Seo Cesarino recebe o „*amigo de fora*“ (HP, p. 116) com tanta excitação, que não para de pular de um lado para outro, enquanto Mourão só declara seu desejo de descanso e sossego. Seo Cesarino já vê intuitivamente a possibilidade da visita do estrangeiro. Com o comentário: „*eu com a água, outros com o sabão*“ (HP, p. 116) ele expressa seu sentimento da falta de algo, que o outro tem e que um encontro pode render muito para os dois lados. Os dois logo mostram uma paixão pela vida e pelos pertênces um do outro, que não se relaciona ao estado péssimo desses. Enquanto Seo Cesarino lamenta as obrigações da herança, Mourão nota com tristeza que nunca teve mãe nem pai. Na conversa dos dois se esclarece cada minuto mais a discordância da personalidade com o estilo de vida até então seguido. Para os dois caracteres opostos isso só se revela no contato com sua alteridade, encorpado pelo outro. A idéia da troca de vidas se desenvolve vagarosamente, todos já sentem uma alegria excitada, mas ainda falta a coragem. De repente Mourão toma firmeza<sup>7</sup> e com a pergunta: „*O senhor quer barganhar carne podre por fumo podre?*“ (HP, p. 119) dá início à mudança de destino. José Reles fica impressionado pela atuação arbitrária<sup>8</sup> do comerciante e do

---

6 Outra palavra interessante é „*Mesmeamos*“ (HP, p. 115), em que a palavra 'mesmo' vira um verbo e assim sinaliza a atividade de se fazer mesmo a si mesmo. A expressão „*transmudamento*“ (HP, p. 106) indica que a mudança acontece através do outro (latim *transire* = penetrar, transpassar, repassar).

7 „*De repente [...] êle desceu em cena e fechou, franco, forte, soflagrado*“ (HP, p. 119, destaque meu)

8 Uma decisão que não é conformemente: „*Selaram pelo arremate [...] sem a regra das tôdas praxes.*“ (HP, p. 120).

vaqueiro. Os dois cambiantes abandonam tudo „*'morrendo' para a vida anterior e recomeçando 'nova' vida*“ (Calobrezi, p. 173). A morte metafórica é seguida pelo renascimento através do reconhecimento da alteridade no outro e a integração dela em si mesmo. Apesar das condições péssimas iniciantes os dois seguem a nova vida com muito sucesso, cada um cabe perfeitamente no seu novo lugar e acha a felicidade que não tinha na vida 'errada' anterior („*Seo Cesarino, de rico, inteirado.*“, HP, p. 123, destaque meu).

### ***Alteridade e Destino***

Em *A Estória do Homem do Pinguelo* vemos o papel constitutivo do outro pela identidade. Porque quando se realiza no outro o estranho (maneira e vida diferente) e no mesmo momento reconhece que esse estranho faz parte de si mesmo (insatisfação com a situação atual e a vida do outro que parece mais adequada para si mesmo) dá oportunidade a uma identidade completa. Um parece representar para o outro o estranho e secretamente familiar (como no conceito do *Unheimliche* de Sigmund Freud). No encontro com o outro e estranho temos a possibilidade de trocar a posição, tomar a perspectiva do outro para se ver e refletir a si mesmo de uma maneira nova. Assim Seo Cesarino e Mourão não só reconhecem a estranheza do outro, mas também a própria estranheza. Isso dá início ao processo de aceitar o outro e estranho em si e finalmente abrir-se a um caminho de vida alternativa. Quando reconhecem „*o que há de seu no outro*“ (Calobrezi, p. 170), os protagonistas se percebem de uma maneira mais clara. O outro serve como mediador da própria alteridade. Eles acham no outro o que estavam procurando em si e assim „*tudo se acerta*“ (HP, p. 119), como Mourão não se cansa de afirmar. À questão do destino pertence papel importante na avaliação da troca. A anedota de José Reles mostra que precisa achar seu destino ativamente e abrir-se ao outro. Mas o narrador rústico não acredita na onipotência do homem sobre o destino, porque tudo só acontece sob a influência e através dos poderes da entidade mítica – do *Homem do Pinguelo*.

### **A situação narrativa**

A estrutura narrativa desse conto de Guimarães Rosa merece atenção especial, porque através da constelação de dois narradores contrários a questão da alteridade é tomada a outro nível paralelamente à estória narrada. Os dois narradores diferem de origem, educação, linguagem e integração nos acontecimentos da estória narrada. Ao longo da narração o relacionamento dos narradores se transforma. Paralelamente à anedota no nível da narração também acontece o reconhecimento da alteridade e a abertura de si mesmo ao outro.

## *O papel do narrador urbano*

O interlocutor de uma narrativa monológica de um sertanejo, como é apresentado ao leitor em *Grande Sertão: Veredas* ou *Meu Tio o Iauretê*, recebe em *A Estória do Homem do Pinguelo* uma voz narrativa. O interlocutor urbano provavelmente viveu uma situação parecida ao do ouvinte do relato de Riobaldo ou o investigador na casa do mestiço que vira onça. Nessa estória o interlocutor ganha a voz narrativa e relata sua experiência a um público que pertence à sua própria cultura (homens letrados da cidade). Agora ele tem oportunidade de comentar e organizar a narração nos padrões cultos da cidade letrada. O narrador urbano é caracterizado por um interesse geográfico e quase etnográfico. Com muito cuidado detalhado e o uso de meios estilísticos de linguagem ele descreve flora e fauna da paisagem para ele (e os supostos leitores) estrangeiro. Apesar do interesse sincero ele tem certo desprezo pelo Sertão e os seus habitantes, que ele acha atrasado e preso ao passado („os passarinhos, ali, **ainda** piam em tupi“, HP, p. 100, destaque meu). Nos comentários sobre a maneira de narrar do narrador rústico percebemos a presunção que o narrador culto sente no confronto com o seu outro<sup>9</sup>. O narrador anônimo comenta, explica, completa e corrige a narração de José Reles, a partir de uma suposta posição onisciente. A motivação do narrador culto é possibilitar o entendimento dos acontecimentos para um público que é tão distante do Sertão quanto o narrador. O primeiro narrador sinaliza sua educação erudita através da linguagem poética, do vocabulário e a capacidade de fazer abstrações (veja Calobrezzi, p. 145). Apesar do desprezo que se manifesta no início da narração para os sertanejos em geral o narrador culto assegura que „(c)ontra o que o fato daria a supor, seo Cesarino jamais se embriagava, nem mesmo recorria com freqüência à bebida. E é notoriamente sóbrio o narrador“ (HP, S. 108). Seja isso verdade ou não, aqui podemos presumir que o narrador culto quer afirmar a credibilidade da estória também narrada por ele mesmo. Os comentários detalhados do início da narração vão diminuindo ao longo dos acontecimentos em relação ao *Homem do Pinguelo* à descrição reservada de José Reles narrando.

## *O papel do narrador sertanejo (José Reles)*

A José Reles pertence uma posição peculiar na estrutura desse texto. Ele é tanto narrador refletivo retrospectivamente quanto personagem da anedota narrada. Ele interpreta e reflete os acontecimentos para si mesmo. Iniciando ele conta rapidamente sua própria vida, para depois se dedicar detalhadamente à descrição dos protagonistas principais da anedota, sempre se colocando

---

<sup>9</sup> Ele reclama o „súbito acúmulo de adágios“ (HP, p. 101) ou a maneira de narrar sobre si mesmo („Nenhum presunçoso gabar-se, nesta derradeira, quase impessoal observação.“, HP, p. 102).

em relação a esses. Opostamente ao primeiro narrador, José Reles pode se identificar com os protagonistas, ele é um deles e entende o contexto regional e social do Sertão. Sua linguagem reflete como é pertencente à cultura popular. Narrando a anedota ele busca justificar sua atitude de vida e as lições de vida que aprendeu com isso (por exemplo: „*a gente toma proveitosa lição não é do corrido mas do salteado*“, HP, p. 101 ou: „*A gente pensa que vive por gosto, mas vive é por obrigação. Pouquinha dúvida*“, HP, p. 105).

### ***A alteridade dos narradores***

Os dois protagonistas-narradores falam paralelamente, e apesar de não entrarem em diálogo direto, eles parecem sempre saber o que o outro tem dito. Às vezes vão se dirigindo ao outro, mas só retoricamente (por exemplo [José Reles:] „*Se para escutar não lhe cansa ...*“, HP, p. 101 ou [narrador culto:] „*Oh. E estava-lhes ali, aos lados?*“, HP, p. 109). Como os protagonistas da estória narrada os dois narradores são caracteres opostos, que reciprocamente representam a alteridade do outro. A alteridade dos narradores é marcada pela oposição lingüística e narrativa. A diferença cultural de ambos, é percebida só pelo narrador urbano, que supondo a inferioridade do outro narrador insiste na distinção cultural entre ele e o seu co-narrador.

Para José Reles as figuras da anedota representam o mesmo, parecido e conhecido. O narrador urbano já tem mais distância. Ele vê os protagonistas como pertencendo ao outro, diferente, alheio. Ele ainda precisa achar a identificação com as personagens. Ao longo da narração ele reconhece sua alteridade no parceiro da narração através do mediário da linguagem. Seduzido pela maneira de pensar e narrar do sertanejo e pelo fazer mítico do *Homem do Pinguelo* o homem culto admite cada vez mais a racionalidade diferente do segundo narrador. A distância entre ambos narradores se diminui passo a passo através do ato da narração.

Assim o *Homem do Pinguelo* também age no segundo nível da narração. O narrador culto muda sua atitude arrogante e entra no universo do pensamento do outro narrador e vira verdadeiro parceiro dele na narração. Enquanto inicialmente criticava a maneira de narrar do outro pelo final ele auto-reflete a própria maneira („*Seja que possivelmente se desgoste com a interrupção, tendo-a por impertinente, absurda, ou tomando-a talvez também como crítica à veracidade da estória e narrativa*“ (HP, p. 115).

Desistindo da sua arrogância cultural o narrador urbano pode abrir-se à uma racionalidade distinta e assim aproximar-se ao mistério do *Homem do Pinguelo*. Através de um processo dialógico a

distância cultural desaparece e os dois narradores independentes do começo da narração vão se unir num relacionamento integrativo. O reconhecimento da alteridade, de si no outro, aqui também rendeu uma mudança significativa.

Os processos de intercâmbio entre os dois narradores manifestam-se na linguagem. Enquanto José Reles usa uma linguagem popular, como corresponde sua origem, o narrador urbano sinaliza sua educação através de uma linguagem culta. No final da estória as peculiaridades lingüísticas se misturam. O narrador culto começa a usar os provérbios que inicialmente criticou com veemência (por exemplo „*Pouquinha dúvida*“ HP, p. 125). Paralelamente o narrador rústico aprende a abstrair e se relaciona com a afirmação de que „*as coisas acontecidas, não começam, não acabam*“ (HP, p. 125) à frase inicial do primeiro narrador („*Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim*“, HP, p. 99). Na designação da aldeia isso se manifesta com a maior nitidez<sup>10</sup>.

Pegado pela estória de José Reles o narrador urbano perde seu desprezo pelas crenças supersticiosas dos sertanejos. Seu questionamento e ridicularização do *Homem do Pinguelo* desaparece em favor da neutralidade curiosa e finalmente do aceitar da „*total ausência de esclarecimento por parte de José Reles sobre a entidade misteriosa*“ (Calobrezi, p. 149). Ambos os narradores descobrem no contato com o outro, que nenhum dos fundos culturais distintos consegue respostas aos mistérios da vida. Com a continuidade do mistério „*ambas as visões acabam por inteirar-se e perfazer a 'totalidade' da estória*“, Calobrezi, p. 154). Os narradores se unem em uma só voz e deixam a decisão sobre a existência do ser misterioso ao leitor: “*E mais não nos será perguntado.*” (frase final, HP, p. 125).

## **O desenlace de estruturas mentais binárias através da posição do Terceiro**

Até esse ponto vimos a estrutura dual – dois protagonistas, dois narradores - do texto em questão, como também é comum na crítica literária. Rende muito se observarmos um pouco mais a posição do Terceiro, porque narradores, protagonistas e ações não estão em plena oposição um do outro. Sempre está envolvido um terceiro elemento nos processos do reconhecimento recíproco da alteridade.

Antonio Candido analisa em seu ensaio *O homem dos avessos* a importância do Rio São Francisco em Grande Sertão: Veredas. O rio „*divide o mundo em duas partes qualitativamente diversas: o*

---

10 No início da narração o homem da cidade designa o lugar da anedota como 'povoado' (aldeia muito pequena) e José Reles o corrige dizendo que a designação certa seria 'arraial' (aldeia nem tão pequeno). No final da narração a situação se inverte. José Reles chama o lugar de 'povoado' e o primeiro narrador o corrige contestando que a designação mais adequada é 'arraial' – assim cada um se abriu ao outro.

*lado direito e o lado esquerdo*“ (Candido, p. 124). A margem direita (fasto) representa o lado esclarecido, normal e organizado enquanto o lado esquerdo (nefasto) representa o lado fugidio, imaginário e ameaçador da vida e da mente. A imagem do rio serve muito bem para entender a posição do Terceiro. O próprio Guimarães Rosa introduziu *A terceira margem do rio* com o título de um dos seus livros. A terceira margem é o lugar do entre-meio. A preferência de Guimarães Rosa de designar a vida como uma travessia cabe nessa imagem. A travessia é a terceira margem. Na travessia pode-se tocar as duas margens do rio, e com elas os dois lados qualitativos da vida. O mesmo (próprio, fasto) e o outro (alheio, nefasto) podem ser vistos respectivamente da outra margem do rio. Da posição do lugar-entre, no meio do rio, as duas margens podem ser entendidas com distância e também com proximidade. Isso leva à uma reversibilidade, que une os dois lados e nega oposições nítidas, na medida em que produz continuamente misturas.

O Terceiro é um lugar-entre que é a posição de um mediador. A busca e o admitir do espaço no meio das coisas possibilita a abertura e a integração da alteridade. Na *Estória do Homem do Pinguelo* tem várias figuras que representam o Terceiro.

Obviamente o misterioso *Homem do Pinguelo* age como mediador entre os protagonistas descontentes da anedota de José Reles. No entender de José Reles a troca de vida não podia ter acontecido sem o fazer da entidade misteriosa. Para os sertanejos o *Homem do Pinguelo* serve como explicação dos mistérios da vida. Ele não é Deus nem o Diabo e mesmo assim tem poderes sobre o destino. Edna Calobrezi vê no *Homem do Pinguelo* um „divisor de águas“ (p. 173). Com essa interpretação podemos imaginar a figura mística no meio do rio, na terceira margem do rio do qual os cambiantes de vida vejam sua alteridade na outra margem respectivamente.

José Reles também ocupa o lugar do Terceiro, porque ele arranja o encontro do comerciante com o vaqueiro. Interessante é a pergunta quais são as mudanças que o *Homem do Pinguelo* despertou na vida de José Reles („*Eu é que estou no que era, fiquei sendo.*“ HP, p. 100). Talvez o *Homem do Pinguelo* é o outro de José Reles, e lhe possibilitou de reconhecer a si mesmo.

O narrador culto inicialmente se define como mediador entre a cultura do Sertão e a cidade. Na medida em que ele se abre à alteridade ele perde a posição de mediador explicante e toma uma terceira posição que veja os conceitos culturais distintos com mais neutralidade. Ele nem afirma a superstição dos sertanejos nem a racionalidade moderna, que despreza a superstição. Também seu papel paralelo de ouvinte e narrador (recipiente e produtor) é uma mistura, que é uma terceira posição.

Outro Terceiro é o próprio leitor. Ele é o terceiro dos dois narradores, e pode observar os dois da terceira margem do rio. Ele segue a narração dialética e constrói a sua totalidade. Ele pode se identificar com os narradores ou os protagonistas e assim sempre está na travessia de uma margem à outra.

Finalmente o próprio texto é uma mistura de vários elementos. Porque os dois níveis da estória se combinam a ser uma estória só, que seria a terceira, a total que continuamente relaciona os dois níveis da narração um com o outro e leva o leitor às margens mais variadas.

### **Alteridade na linguagem**

Já vimos o papel especial da linguagem genuína de Guimarães Rosa como médium e portador de significados das suas reflexões metafísicas.

Seguindo Jacques Lacan a linguagem nunca transmite só informação, mas é estrutura e expressão da consciência. Na linguagem a visão do mundo e da vida se reflete. Na estória em questão é a língua que encorpa com mais nitidez a alteridade das figuras. A própria linguagem é caracterizada por oposições transformadas. Com Olgária Matos podemos generalizar isso a uma filosofia de linguagem de Guimarães Rosa. Ele desenvolve um conceito de hospitalidade lingüística que incorpora o outro sem o dominar ou simplesmente tolerar, mas na integração e transformação dos elementos alheios.

A linguagem de Guimarães Rosa inclui o leitor, na medida em que causa estranhamento e assim possibilita o reconhecimento do seu outro e, através desse, a si mesmo. Assim a lição da anedota se reflete na estrutura lingüística e textual da estória. Para Guimarães Rosa a linguagem serve como meio de aproximação e é fundamentalmente baseado no conceito da mistura que aspira a originalidade e pureza da linguagem. Enriquecendo a linguagem com os mais variados elementos Guimarães Rosa pratica o que tematiza diretamente nessa estória. É uma mostra do potencial da própria abertura à alteridade como ação iniciante ao processo da permeabilidade cultural. Assim introduz a própria diferença na identidade, quebra limites e produz misturas (e identidades híbridas) infinitas. Podemos observar a hospitalidade lingüística na aproximação dos dois narradores da estória que integram as diferenças do outro na própria expressão lingüística. Isso também indica uma aproximação e integração da diferença cultural.

## Botar o I no Pingo<sup>11</sup>

„Onde é que o senhor existe?“ (HP, S. 111)

Foi mostrado que a idéia da representação da diferença na identidade que depende da abertura para a própria alteridade é transmitida em todos os níveis do texto dessa estória de Guimarães Rosa. Ele nega inequívocos em princípio e com isso defende as misturas em vez de oposições contrárias. O destaque é na importância do conhecimento que, entre identidades, culturas, línguas e verdades não existem limites nítidos. O mesmo sempre carrega algo do outro em si. Quando pararmos de simplesmente tolerar o outro e começarmos a incorporar o estranho no sentido da hospitalidade, a valorização do outro crescerá automaticamente, teremos que tomar responsabilidade pelo outro como parte de nós mesmos. Guimarães Rosa recomenda tanto o abandono da postura isolada das culturas ocidentais, que temem a influência de culturas estranhas, quanto a despedida da retirada individualista do homem moderno em si mesmo para aproveitar as possibilidades da abertura para a incorporação da alteridade. Com o reconhecimento da alteridade, do outro, do estranho podemos entender melhor os mistérios da vida ou aceitar estes como racionalmente insolúveis. Concordando com Antonio Candido podemos afirmar que uma lição de Guimarães Rosa é que precisamos do fantástico para entender a realidade e precisamos aceitar o mistério como parte da verdade (veja Candido, p. 36).

---

### Bibliografia

**Candido**, Antonio: *Der Verkehrte Mensch*. In: Sertão der Welt – Welt des Sertão. Edition Tranvía, 2007. (título original: O homem dos avessos)

**Calobrezi**, Edna Tarabori: *Morte e Alteridade em Estas Estórias*. Edusp, 2001.

**César**, Adelaide Caramuru: *Identidade/ Alteridade em „A Estória do Homem do Pinguelo“ de Guimarães Rosa*. Em: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, Nr. 2, 2002. (<http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>)

**Chiappini**, Ligia: *Zwischen Mythos und Logos – Kunst und Arten des Erzählens in Estas estórias*. Em: Sertão der Welt – Welt des Sertão. Edition Tranvía, 2007. (título original: A megeira cartesiana)

**Guimarães Rosa**, João: *A Estória do Homem do Pinguelo*. Em: Estas Estórias. Livraria José Olympio Editôra, 1969.

**Evans**, Dylan: *Wörterburch der Lacanschen Psychoanalyse*. Do Inglês por Gabriella Burkhart. Turia und Kant, 2002.

---

11 Seo Cesarino „botou o I no pingó“ (HP, p. 123).

**Matos, Olgária:** *Guimarães Rosa und die Sprachphilosophie – Xenophilie und Gastfreundschaft.* In: *Sertão der Welt – Welt des Sertão.* Edition Tranvía. Berlin, 2007.

**Moraes, Marcelo Jacques de:** *O outro que se lê: „O espelho“ de G. Rosa.* Em: *Revista do Centro de Estudos Portugueses, Belo Horizonte, Nummer 30, 2002.*

**Nünning, Ansgar:** *Metzler Lexikon. Literatur- und Kulturtheorie, Ansätze – Personen – Grundbegriffe.* Verlag J.B. Metzler, 2004.